

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CLA-CENTRO DE LETRAS E ARTES
FACULDADE DE LETRAS

ROBERTO MARQUES SANTIAGO

AS ESTRATÉGIAS MODERNO/COLONIAIS QUE RESULTARAM EM UMA SOCIEDADE
OBEDIENTE

Rio de Janeiro
(2024)

Roberto Marques Santiago

AS ESTRATÉGIAS MODERNAS/COLONIAIS QUE RESULTAM EM UMA SOCIEDADE
OBEDIENTE

Monografia apresentada à Faculdade de Letras da
Universidade Federal do Rio de Janeiro como
requisito para a conclusão do curso de Licenciatura
Português - Literaturas. em Letras

Orientadora: Rita de Cassia de Oliveira e Silva - Doutora em Educação Professora adjunta do
Departamento de Didática da Faculdade de Educação - UFRJ

Rio de Janeiro (RJ)
2024

FOLHA DE APROVAÇÃO

ROBERTO MARQUES SANTIAGO

**AS ESTRATÉGIAS MODERNO/COLONIAIS QUE RESULTAM EM UMA SOCIEDADE
OBEDIENTE**

Aprovada em:

Rita de Cassia de Oliveira e Silva-Doutora em Educação PUC-Rio
Professora adjunta do Departamento de Didática da Faculdade de Educação - UFRJ

Roberto Marques Santiago
Licenciando em Letras Português-Literaturas.Universidade Federal do Rio de Janeiro

Elaine Constant Pereira de Souza -Doutora em Políticas Públicas e Formação Humana UERJ
Professora Adjunta do Departamento Didática da Faculdade de Educação - UFRJ

Dedico este trabalho ao José Santiago e à Zulma Santiago, pai e mãe, pois são as pessoas que possibilitaram que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos orixás, pai, mãe, aos mestres do passado, meu irmão André, minha irmã Liliane, minhas primas Sônia, Sandra, Tânia, Franciane à escola pública, aos professores da escola pública, aos grandes amigos que a vida colocou em meu caminho como Jamila Oliveira, Daniel Damiani, Juliana Moraes, Sirla Karczkeski, Adriene Lopes, Vanessa Rodrigues que são mais que colegas e sim um presente na Faculdade de Letras, Vagner Cabral, Júnior Martins, Eunice Souza, aos professores Aline Alves, Ary Pimentel, Eduardo Losso, Rita Oliveira.

RESUMO

O objetivo geral deste estudo é ponderar a trajetória da personagem Paulo Honório no livro São Bernardo de Graciliano Ramos. Seu objetivo específico é pensar como o narrador personagem reproduz e portanto é afetado por um padrão de pensamento moderno/colonial, influenciando não só a ele, mas seu entorno, afetando seu ser, seu poder e seu saber dentro de uma sociedade de pensamento pequeno burguês em uma época de decadência do engenho no Brasil. A pesquisa surgiu através de um trabalho realizado para a disciplina de Ficção Brasileira II, utilizando outras referências teóricas, analisando capítulos da obra. No presente estudo a análise foi feita a partir do campo da decolonialidade, e o principal teórico será Nelson Maldonado-Torres (2018), pois ele consegue identificar e explicar porque os corpos adestrados reproduzem um comportamento moderno/colonial e como descolonizar corpos treinados a agir dessa maneira. Os elementos de formulação dessa pesquisa são os capítulos oito, 11, 20, 24, 25, 26, 31 e o capítulo final, utilizando os conceitos de colonialidade do ser, do poder e do saber para tal análise.

Palavras-chave: Graciliano Ramos, São Bernardo, Descolonialidade, UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA.....	11
3. CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS.....	12
3.2 COLONIALIDADE DO SABER.....	14
3.3 COLONIALIDADE DO PODER.....	16
4. CONCLUSÃO	19
5. REFERÊNCIAS.....	21

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa surgiu a partir de um trabalho realizado para a disciplina de Ficção Brasileira II, onde encontrei a possibilidade e vontade de ler o livro “São Bernardo” de Graciliano Ramos, tendo outra perspectiva de olhar, através da teoria decolonial, sempre com criticidade, embasado em teóricos que conversam e explicam como a dita descoberta de novos mundos afeta a estrutura social, destruindo a cultura original, dizimando povos e impondo paradigmas eurocêntricos advindos dos invasores, em quaisquer lugares essa chaga estabeleceu domínio. Como estudante de Letras e Literaturas, penso na importância de ler obras-primas, que tenham uma ótica que abordem a decolonialidade. Como, nesta obra, em que posso explicar os fatores sócio-comportamentais da personagem narrador Paulo Honório.

O livro de Graciliano Ramos, São Bernardo é uma obra-prima do início dos anos 1930, onde o Brasil, no mesmo ano do livro, 1934, ganhou uma nova constituição, onde Getúlio Vargas é eleito pelo congresso, encerrando governo provisório e iniciando a fase constitucional de uma eleição indireta, um fato importante na história do país, onde a obra analisada ilustra uma relevância do poder da política ao novo pequeno burguês. São Bernardo é uma obra que me fez refletir sobre questões que parecem enraizadas em uma sociedade patriarcal, onde os detentores do poder são os mesmos do capital. A atualidade do livro é espantosa, pois nos parece que até agora, pouca coisa mudou em nossa sociedade. Pensar nessas questões, refletir sobre a sociedade que vivemos é importante para uma ruptura da ordem colonial.

A partir da linha da decolonialidade, foi feita a análise desta obra, escrita no ano de 1934, que é uma das obras pertencentes ao chamado “ciclo da seca”, mas que perpassa do sentimental ao sarcástico, tendo um narrador personagem na obra, que é característica do autor. A personagem narrador chama-se Paulo Honório, que é ex-funcionário da propriedade São Bernardo e em certo momento, torna-se proprietário dela, passando a representar a “nobreza fundiária”, conservadora, detentora do poder e da classe dominante, um perfeito representante das ideias neoliberais, segundo Bosi (2015). Há quatro características em destaque, uma visão de mundo saudosista; uma visão liberal com traços aneroídes; um complexo mental pequeno-burguês de classe média oscilante entre o puro ressentimento e o reformismo; uma atitude revolucionária. Porém o objetivo deste estudo será analisar de fato Paulo Honório com a perspectiva na linha do pensamento e escrita

de Nelson Maldonado-Torres a partir do texto “Analítica de colonialidade e decolonialidade: algumas dimensões básicas” (MALDONADO-TORRES, 2018).

Os diálogos são produzidos através de um duelo antagônico, onde Paulo Honório é um narrador ativo e age em função de seus objetivos. Seu fazer no mundo é sempre em sua direção, afirmando sua posição de poder, em um movimento que o impede de sentir, ele simplesmente age, construindo e dando a velocidade rítmica à narrativa.

Essa velocidade é imposta pelo colonialismo, onde os sujeitos não precisam pensar em sua subjetividade, colonialidade do ser, saber e poder informada e não construída no decorrer de nossas vidas, decorrente da modernidade europeia que significa colonialidade dos povos e distinção dos sujeitos. Penso que essa corrida desenfreada de Paulo Honório em direção ao poder nada mais é do reflexo de uma mente dominada ao invés de dominadora como ele pensa.

A visão de mundo estática quando não saudosista se dá na conquista da propriedade São Bernardo, afinal, essa atitude chega a ser uma obsessão, pois Paulo Honório trabalhou no local. O sumário narrativo geral se dá em um local onde o tempo e o espaço não são bem definidos, as cenas se passam em um local específico que é São Bernardo, sempre em função do empreendimento de Paulo Honório. Paulo retira o valor de sua trajetória enquanto narrador e o valor do próprio empreendimento. São Bernardo é conquistado devido à decadência do engenho no Brasil, pois Paulo acredita que sua ascensão social se dará na retomada daquilo que, historicamente, escravizou uns e enriqueceu outros, afinal a retomada de um local que passa a Paulo esse saudosismo de uma época de riquezas para quem trabalha. Paulo então representa o capitalismo moderno em detrimento ao patriarcado, nos dando essa ideia de verossimilhança.

Vemos uma ideologia liberal com traços anarcoides no capítulo oito, onde São Bernardo passa a ser rentável, e o poder do Estado passa a ser representado pela visita do governador, e sua ‘penca de vantagens’, mas também o pensamento burguês, de classe média com essa visita, também com as menções diretas e indiretas do narrador, ou sua consciência nas cenas com várias ideias em um mesmo espaço, em direções opostas entre as concretas e narrativas. Madalena, por exemplo, é a real: casada e abandonada há tempos por Paulo Honório, mas também aparece como uma forma idealizada, mimética, projetada por Paul, e ao se casarem, ele tem a segurança de uma união com alguém em uma profissão característica da classe média na época, professora. Há também a ideia revolucionária, apesar de o narrador ter uma intenção superficial, em abrir uma

escola que seria utilizada para alfabetização dos funcionários da fazenda.

Diante do exposto, o objetivo geral deste estudo é ponderar a trajetória da personagem Paulo Honório no livro São Bernardo de Graciliano Ramos. O Objetivo específico é pensar como o narrador personagem reproduz e, portanto, é afetado por um padrão de pensamento moderno/colonial, influenciando não só a ele, mas seu entorno, afetando seu ser, seu poder e seu saber dentro de uma sociedade de pensamento pequeno burguês em uma época de decadência do engenho no Brasil.

2. METODOLOGIA

Utilizei para esse trabalho, capítulos específicos da obra *São Bernardo*, para entender segundo o referencial decolonial, o pensamento e a forma de como a personagem narrador Paulo Honório pensa e age, da forma que a modernidade/colonialidade transforma a trajetória da narrativa e, comparando suas ações com o pensamento colonial e a sua queda diante de tal pensamento, até o momento em que Paulo Honório chegar ao fim da obra, de certa maneira reflexivo em suas possibilidades de alcançar uma resposta crítica de seu comportamento, o que levou a isso e as consequências, utilizando como referencial teórico Nelson Maldonado-Torres (2018).

A pesquisa surgiu através de um trabalho realizado para a disciplina de Ficção Brasileira II, utilizando outras referências teóricas, analisando capítulos da obra. Para o presente estudo, os mesmos passaram por outro referencial teórico, no campo da decolonialidade, e o principal teórico foi Nelson Maldonado-Torres, pois ele consegue identificar e explicar porque os corpos adestrados reproduzem um comportamento moderno/colonial e como descolonizar corpos treinados a agir dessa maneira. Os elementos de formulação dessa pesquisa são os capítulos oito, 11, 20, 24, 25, 26, 31 da obra *São Bernardo* de Graciliano Ramos e o capítulo final, utilizando os conceitos de colonialidade do ser, do poder e do saber para tal análise.

3. CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Foi feita a análise do romance, baseada em três critérios que estão no texto *Análítica da colonialidade: algumas dimensões básicas*. Nesta parte do livro, Nelson Maldonado-Torres (2018) apresenta dez teses, e desta forma utilizei a quinta tese: “A *colonialidade envolve uma transformação radical do saber, do ser e do poder, levando à colonialidade do saber, à colonialidade do ser e à colonialidade do poder*” (MALDONADO-TORRES, 2018, p.42).

A teoria decolonial reflete sobre nosso senso comum e sobre pressuposições científicas referentes ao tempo e espaço, conhecimento e subjetividade, entre áreas chave da experiência humana, permitindo identificar e experimentar com os sujeitos que foram colonizados a chaga da colonização, ao mesmo tempo em que oferece ferramentas conceituais para a reversão dessa tragédia, ou seja, a descolonização dos corpos. Essa é a contribuição chave do pensamento decolonial. A modernidade ocidental, vista como a mais avançada, comparada a outras organizações sociais, culturais, econômicas, sendo assim descrita como mais civilizada, enquanto as colonizadas por eles são vistas como primitivas, construindo assim o pensar do senso comum europeu, da ideia de modernidade/colonialidade. O iluminismo é visto como o marco da civilização moderna, às vezes como único relevante para o ideal da civilização moderna ocidental, tendo como base padrão da civilização idealizada pelos impérios, e a chave para isso é a farsa da descoberta do novo mundo. A descoberta caracterizou os povos em civilizados e não civilizados, aparecendo assim, os corpos que deveriam ser adestrados, segundo molde moderno/colonial (MALDONADO-TORRES, 2018).

O "Penso logo existo" não esconde somente que os "outros não pensam", mas que os "outros não existem" ou não têm suficiente resistência ontológica, como menciona Fanon em *Peles negras, máscaras brancas*. A partir da elaboração artesiana, fica clara a ligação entre o conhecimento e a existência. Em outras palavras, o privilégio do conhecimento de uns tem como corolário: negação do conhecimento de outros, da mesma forma que a afirmação da: existência de uns tem como lado oculto a negação do direito à vida de outros: "a desqualificação epistêmica se converte em instrumento privilegiado da negação ontológica" (MALDONADO-TORRES, 2018, p. 145).

A longa tradição do cientificismo e do eurocentrismo deu origem a uma ideia de universalismo abstrato, que marca decisivamente não somente a produção do conhecimento, mas também outros âmbitos da vida: economia política, estética, subjetividade, relação com a natureza. Em todas essas esferas, nesses mais de 500 anos de história colonial/moderna, o modelo.

[...] advindos da Europa e de seu filho dileto, o modelo norte-americano após a Segunda Guerra Mundial - são encarados como o ápice do desenvolvimento humano, enquanto as outras formas de organização da vida são tratadas como pré-modernas, atrasadas e equivocadas. MALDONADO-TORRES (2007, p. 12)

3.1 COLONIALIDADE DO SER

Começo pela colonialidade do ser pois além de ser baseada no tempo, no espaço e na subjetividade, a personagem do livro de Graciliano Ramos, Paulo Honório, personagem narrador, tem a oportunidade de experimentar dois momentos num mesmo espaço que é a propriedade chamada São Bernardo, onde outrora era apenas um dos empregados da fazenda, com isso, a sua subjetividade foi criada pelo sistema ao qual fazia parte, ou seja, uma não subjetividade espontânea, sua realidade era trabalhar, ganhar dinheiro a todo custo, para que um dia ,através de seu mérito ele pudesse alcançar um lugar de destaque, ou seja, virar patrão, reproduzindo assim a lógica colonial, afinal com muito esforço ,todos podem enriquecer, serem donos do próprio capital. Descolonizar esse tipo de pensamento não é fácil nos dias de hoje, mais difícil seria no tempo em que Paulo Honório estava inserido na obra, tempo esse onde a queda dos senhores de engenho estava por vir. Fanon fala sobre os condenados e sua necessidade de conquistar os seus espaços, nesse caso seus territórios, mas também dos modelos que habitam a zona do não-ser (FANON, 2008), onde os modelos não europeus, portanto não moderno/coloniais são descartadas e categorizados pelo pensamento europeu como inferiores, justificativa para que sejam domesticados, dominados e seus territórios invadidos.

Tudo quanto possuimos vem desses cem mil-réis que o ladrão do Pereira me emprestou. Usura de judeu, cinco por cento ao mês.

Madalena ouviu atenta, aprovando, com modos de menina bem-educada: — Acredito, acredito. O que há é que ainda não conheço o meio. Preciso acostumar-me.

Chamei Casimiro Lopes, entreguei-lhe a xícara e a bandeja. Depois acendi o cachimbo:

— O que sinto...

Ergui-me:

— Nunca me arrependo de nada. O que está feito está feito. Mas enfim cara feia não bota ninguém para diante. E aquilo que eu azuni a d. Glória... — Coitada! Ela nem estava prestando atenção à conversa. Falou por falar. — Foi um dos diabos. Pois faça-me um favor: mostre a ela, por alto, que não tive intenção de magoá-la. Uma pessoa idosa e respeitável... Que não tive intenção, ouviu? Eu sou mesmo um sujeito meio azuretado. (RAMOS, 2009, p. 50)

As amabilidades de Madalena surpreenderam-me. Esmola grande. Percebi depois que eram apenas vestígios da bondade que havia nela para todos os viventes. Paciência. Eu não devia esperar nem esses sobejos — e o que viesse era lucro. Vivemos algum tempo muito bem.

Lembram-se de que deixei a mesa aborrecido com d. Glória. Pois, passados minutos, Madalena me trouxe uma xícara de café e deu a entender que estava arrependida de haver provocado o incidente. (RAMOS, 2009, p. 50)

De acordo com Maldonado Torres (2018), a colonialidade do ser envolve aspectos experimentados pelos corpos em seu tempo e espaço, afetando todos os sentidos, particularmente a visão de si e do mundo.

3.2 COLONIALIDADE DO SABER

Baseia-se no sujeito, no objeto e no método. Paulo tem obsessão por seu objeto de desejo, que é São Bernardo, não quer mais ser um empregado, mas sim proprietário daquele lugar que lhe causa lembrança e saudosismo da época de riquezas para quem trabalhava. Ele vivencia um tempo estático e saudosista onde o tempo e o espaço não são bem definidos, porém ele acredita que o método para sua felicidade é ser proprietário daquele lugar, retirando o valor de sua trajetória até então. Paulo aproveita a decadência do engenho e se torna o senhor daquilo que sonhava. Paulo então representa o capitalismo moderno em detrimento ao patriarcado, nos dando essa ideia de verossimilhança.

Quais foram os saberes construídos por Paulo no decorrer de sua caminhada a não ser lógica de vencer a todo o custo, passando sem escrúpulos por quem necessário for, inclusive cometer assassinato e utilizar de métodos para se dar bem, ganhar mais dinheiro em detrimento do outro. Casa-se com Madalena, uma professora, que possibilita a ele, mais um tipo de aproximação com a burguesia decadente, apesar de ela ser sensível, pensa no bem-estar dos funcionários da propriedade, Madalena é um objeto de conquista para Paulo Honório.

De bicho na capação (falando com pouco ensino), espernei nas unhas do Pereira, que me levou músculo e nervo, aquele malvado. Depois vinguei-me: hipotecou-me a propriedade e tomei-lhe tudo, deixei-o de tanga. Mas isso foi muito mais tarde. A princípio o capital se desviava de mim, e persegui-o sem descanso, viajando pelo sertão, negociando com redes, gado, imagens, rosários, miudezas, ganhando aqui, perdendo ali, marchando no fiado, assinando letras, realizando operações embrulhadíssimas. Sofri sede e fome, dormi na areia dos rios secos, briguei com gente que fala aos berros e efetuei transações comerciais de armas engatilhadas. Está um exemplo. O dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora da onça beber água deu-me com o cotovelo, ficou palitando os dentes. Andei, virei, mexi, procurei empenhos — e ele duro como beira de sino. Chorei as minhas desgraças: tinha obrigações empenca, aquilo não era trato, e tal, enfim, etc. O safado do velhaco, turuna, homem de facão grande no município dele, passou-me um esbregue. Não desanimei: escolhi uns rapazes em Cancalancó e quando o doutor ia para a fazenda, caí-lhe em cima, de supetão. Amarrei-o, meti-me com ele na capoeira, estraguei-lhe os couros nos espinhos dos mandacarus, quipás, alastrados e rabos-de-raposa. (RAMOS, 2009 p. 8)

Esse trecho, mostra a obsessão de Paulo Honório, e a velocidade da narrativa, se deu ao mesmo tempo de sua sede de obter a propriedade, enriquecendo a qualquer custo, sem escrúpulos, ele não pensa em seus atos e consequências pois está cegado pela propriedade e alcançar seus objetivos. Segundo Maldonado-Torres (2018), os sujeitos estão em espaços de luta e devem ser controlados para atender uma lógica de visão de mundo colonial.

Fanon mostrou esse tipo de relação entre o subjetivo e o objetivo em sua consideração sobre a sociogênese. Fanon também viu o sujeito tanto como produto quanto como um gerador da estrutura social e cultural, além de possuidor de uma completa visão de mundo de um tempo (MALDONADO- TORRES, 2018, p. 49).

3.3 COLONIALIDADE DO PODER

Consiste em estrutura, cultura e sujeito. Paulo Honório já está em uma estrutura que dá a sensação de poder, uma propriedade que começa a dar lucro e que a partir daí, outros poderes se aproximam, como o poder político. Vemos uma ideologia liberal com traços anarcoides no capítulo oito, onde São Bernardo passa a ser rentável, e o poder do Estado passa a ser representado pela visita do governador, e sua ‘penca de vantagens’, mas também o pensamento burguês, de classe média com essa visita, mas também com as menções diretas e indiretas do narrador, ou sua consciência nas cenas com várias ideias em um mesmo espaço, em direções opostas entre as concretas e narrativas. Madalena é a projeção de Paulo ao casar-se: ela com a profissão característica da classe média na época, professora. Há também a ideia revolucionária, apesar do narrador, ter uma intenção superficial, em abrir uma escola, pois uma escola na fazenda não serviria para nada, porém foi convencido pelo governador, eis os aspectos de ideologia liberal e complexos mentais da classe média, apresentados dicotomicamente no resquício feudal, capitalista e burguês escravocrata.

Temos no capítulo vinte e cinco, um início onde o narrador compartilha com os leitores, e ele fala: comecei a sentir ciúmes e no capítulo vinte e seis a queda de Paulo Honório, onde a coisificação da mulher, dos empregados e da vida é apresentada na sua simplicidade, pois as coisas são o que são, tanto que Paulo fica surpreso quando Madalena o chama de assassino, afinal, ele não é, apenas mandou matar, quem manda matar está livre de um julgamento social, principalmente por ele ter posses, quem fez o trabalho sujo foi Casimiro Lopes, esse sim é assassino. O patrão, o integrante da classe média, o burguês, pessoas da classe dominante possuem uma chancela social, na obra especificamente pela retomada saudosista de um mundo recentemente mudado, o mundo capitalista feudal. A modernidade colonialidade, faz sua estrutura complexa desumanizar os seres, e através desse sistema, correm atrás de seus objetivos individuais a qualquer preço.

O que há em comum colonialidade do ser, do poder do saber é a subjetividade, o sujeito, sua historicidade, suas ações através de suas experiências não aprendidas, mas sim passadas de forma da lógica da modernidade colonialidade, onde os seres estão fadados a repetição de um ciclo,

fazendo parte de um mecanismo de massa, porém há outros caminhos.

No capítulo final, Paulo acredita que a profissão foi a responsável por dar a ele qualidades tão ruins e que nem sempre ele foi bruto. Talvez o capitalismo tenha corrompido este homem, que ao nascer poderíamos suspeitar que era de bom coração, já que suspeitamos que nascemos todos dessa forma, mas que o tempo, as situações que ele experimentou, a forma que a sociedade se apresentava naquele tempo e naquela comunidade, o moldaram, fazendo dele um mero instrumento com uma função e finalidade apenas, o lucro, e que ao receber o amor, não amava por desconhecer esse sentimento, sendo ele apenas um reprodutor de uma construção social muito bem alicerçada pelo capital. Sendo ele um defensor de ideias passadas a ele e cumpridor de seus destinos e suas tarefas até o fim.

Essa obra de arte de Graciliano Ramos nos faz pensar, refletir, nos causa estranheza, revolta tristeza, mas em especial, denuncia de forma categórica, a exploração, a sociedade burguesa escravocrata burguesa, classista, misógina, excludente e tão atual. Interessante que nos interiores do Brasil, a probabilidade de pensamentos passados contidos nessa obra, de tudo aquilo que combatemos em uma sociedade, para que os direitos sejam respeitados e as pessoas sintam-se cidadãos, ainda podem ser encontrados. O mais assustador é que inclusive nas grandes cidades. O capital aparta, separa, porém a coletividade é a chave para viver bem, pensar e ter um olhar com o outro de respeito e troca de experiências, onde a sociedade ideal e utópica será construída dando e tendo todos oportunidade e equidade nas relações, respeitando as diferenças e o ser social.

Eu não sou preguiçoso. Fui feliz nas primeiras tentativas e obriguei a fortuna a ser-me favorável nas seguintes. Depois da morte do Mendonça, derrubei a cerca, naturalmente, e levei-a para além do ponto em que estava no tempo de Salustiano Padilha. Houve reclamações. — Minhas senhoras, seu Mendonça pintou o diabo enquanto viveu. Mas agora é isto. E quem não gostar, paciência, vá à justiça (RAMOS, 2009, p. 20).

De acordo com Maldonado-Torres (2018), a colonialidade do poder é representada pela ordem econômica e política, base de definição como as coisas são concebidas e aceitas em uma dada visão de mundo. Paulo Honório, tem posse de dinheiro, funcionários, e força física para

subjugar os corpos e quem ele achar pertinente coagir.

4. CONCLUSÃO

Baseando-se nas leituras feitas do livro Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico de Nelson Maldonado-Torres, Joaze Bernardino-Costa e Ramon Grosfoguel (2018), sabendo do modo em que nossa sociedade se tornou e como resultou, podemos entender e compreender melhor as colonialidades do ser, do saber e do poder, e como somos afetados até os dias de hoje, reproduzindo as mesmas estruturas do pensamento moderno/colonial. Paulo Honório volta a demonstrar alguma sensibilidade característica de ser humano, quando perde a mulher que ele tinha como posse, um tipo de amor doentio e castrador, patriarcal, machista e misógino, tal qual as ideias modernas/coloniais o fizeram pensar, agir e até ganhar um tipo de poder financeiro entre os corpos que em São Bernardo habitavam. No momento da perda, ele se torna reflexivo, chegando a culpar até mesmo seu ritmo de vida, sua fome pelo dito sucesso, pela tragédia ele chegou, não possibilitando assim, prestar atenção a seu objeto mais precioso, seu troféu, sua esposa que necessitava de atenção e cuidado. Essa é a lógica da modernidade/colonialidade, onde os corpos são conduzidos a uma lógica de produção exaustiva, e os que não são adaptados a um encaixe do que é definido como suas funções são descartados, já que a sua finalidade é produzir e reproduzir para fins do capital, sem subjetividade alguma, mas apenas servir. É interessante citar sobre a desumanização, pois é assustador como a alienação se dá através dos processos de poder que foi a nós imposto, permanecendo muitas das vezes sem o poder e sem a capacidade ou dificuldades para acessar a informação possível para sair da alienação.

Uma das preocupações centrais dos trabalhos sobre descolonização e decolonialidade é a questão do conhecimento. A colonização no âmbito do saber é produto de um longo processo de colonialidade que continuou reproduzindo as lógicas econômicas, políticas, cognitivas, da existência, da relação com a natureza, etc. que foram forjadas no período colonial (W, 2003). Frente a essas lógicas da modernidade/colonialidade, que remontam ao século XVI, podemos identificar diversos momentos, ações de resistência política e epistêmica, que nomeamos, ao lado de muitos outros como decolonialidade, giro decolonial ou projeto decolonial (BERNARDINO-COSTA; MALDONADO-TORRES; GROSFÓGUEL, 2018, p.9).

Portanto, a modernidade equivale a colonialidade, incapacitando um senso crítico, que só

é alcançado pelo saber de uma perspectiva decolonial, pois, com a desculpa do descobrimento, deu-se a diferenciação de culturas, umas mais privilegiadas que outras, e quanto mais próximo às ideias europeias, justamente, às ideias dos impérios invasores, mais aceitas na sociedade em que vivemos. O conhecimento de tais fatos nos faz refletir sobre a lógica moderna/colonial, e como esses pensamentos estão entranhados em conceitos utilizados para definir, o belo, o bom, o aceito, o certo, o saber de Paulo Honório se construiu por toda a sua vida, mas talvez o início da consciência de um tipo de descolonização se deu apenas no final da obra, pois de nada valeu tudo que ele tivera feito até então.

5. REFERÊNCIAS

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da literatura brasileira**. 50. ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Prefácio de Jean-Paul Sartre. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica de colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGUÉL, Ramón. (Orgs.). **Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

RAMOS, Graciliano, **São Bernardo**, 88. ed. Editora Revista Rio de Janeiro, 2009.